

Museu da Democracia

200110AA

Em pouco mais de trinta anos de constituição Brasileira é provável que a Democracia nunca tenha estado tão vigente, enquanto debate, como nos tempos atuais. Alguns autores dirão que o fato de haver tal debate já pode ser considerado um alerta para a Democracia. Na era da "pós-verdade", do negacionismo (histórico e científico) e da privatização do interesse público, o autoritarismo segue claramente em sua nova empreitada de poder.

Para além da simplista definição liberal de Estado Democrático como "ordem" do direito e das liberdades, compreende-se a Democracia como única e possível Forma Social, na qual também tais debates sobre sua validade podem ocorrer legitimamente. Esta Forma Social, cujos conceitos fundamentais incluem, entre outros, a consideração do conflito como algo legítimo e necessário, permite, inclusive, que manifestantes saiam às ruas em defesa de uma nova intervenção militar. No entanto, permite também que se faça oposição a ideias desta natureza e mais uma vez tomem-se as ruas, em defesa da Democracia. Na rua, gera-se o conflito.

Esta rua, que a ninguém pertence, mas a todos lhes cabem, recebe os embates de opinião. Ouve as divergências conceituais. Atua de forma ativa nas conquistas populares. É na rua, praças e parques que encontramos a Democracia.

Assim, da percepção de certa "vocaçao" dos espaços públicos para a presença da Democracia (aqui principalmente caracterizado pela rua), o presente projeto busca evocar no ideal **PÚBLICO**, a materialização da essência democrática enquanto bem comum e universal.

A proposta parte fundamentalmente da escolha do lugar de implantação, levando em conta a relevância histórica e simbólica da localidade. Assim, chega-se à região da Sé, em São Paulo, mais especificamente nas proximidades da praça principal, considerando seu protagonismo no debate político brasileiro, em especial nos últimos 60 anos.

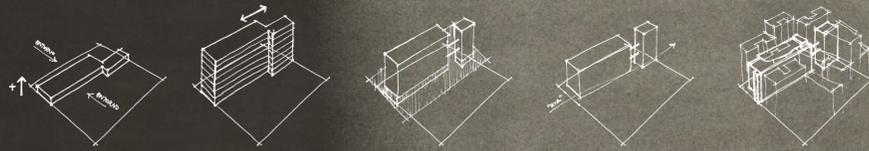
Território sacralizado por nativos da região, o marco zero da maior cidade do país foi palco de uma das mais importantes manifestações do movimento "Diretas Já!", com quase 300 mil pessoas. Anos mais tarde, manteve seu destaque na luta pelas pautas democráticas, desde os movimentos contra o aumento da tarifa do transporte público (2013), até manifestações contra o processo de impeachment, da então presidente Dilma (2016).

Tomando partido da possibilidade de desapropriação de 4 imóveis adjacentes, ao lado da Catedral, optou-se por conectar ambos lados da quadra, configurando assim uma rua, que distribui os fluxos internos e externos do edifício, conectando-o com a cidade de forma prática e também simbólica, sendo a primeira e principal articuladora do que se chamou MUSEU DA DEMOCRACIA.

O museu surge, então, condicionado pelo seu contexto físico, histórico e simbólico, ascendendo em um programa de necessidades distribuído em níveis, que, pressionados por um entorno imediato historicamente forte, elevam a experiência popular das ruas para o alto, em uma intensa relação pública com a cidade, se apropriando da paisagem vista do terraço e da empena envidraçada que confronta a Catedral.

Acredita-se na sensação de pertencimento gerada através deste ato, que se estende também no subsolo, uma vez que o edifício está conectado ao metrô, potencializando as circulações urbanas em um ato de introspecção. Neste encontro, foi concebido um espaço de natureza efêmera, chamado "Exposição Temporária", no qual o Museu retorna, também, para estas circulações urbanas. A troca dinâmica de informações e conteúdo, fomentadas pelas exposições, gera um movimento de expansão do museu para além de si próprio.

Assim, a proposta para o Museu da Democracia espera contribuir para o fortalecimento da democracia, materializando-a em essência, por meio do destaque ao bem comum, ao coletivo, às territorialidades, e ao debate. Questões que percorrem o espaço público, concentradas em reflexões, fatos e argumentos, organizados por meios das ferramentas da arquitetura, e, intensificados pelas trocas e interações constantes tão únicas do povo, este que deve ser, sempre, soberano.



Integração Museu - Sé
O projeto propõe uma conexão subterrânea com a Estação da Sé, trazendo o povo para dentro do edifício e o edifício para dentro do metrô.

Estação da Sé
Simbolicamente é onde todos os cidadãos se encontram. É a maior e mais movimentada estação de metrô do país, fazendo a integração das linhas Azul e Vermelha.



IMPLANTAÇÃO E ENTORNO

Escala 1:5.000

Vale do Anhangabaú
Palco das manifestações pelas Diretas Já de 1984, reuniu 1,5 milhão de cidadãos.

Museu da Democracia
Busca conectar-se à cidade, física e historicamente. Para isso, desapropria dois imóveis sem relevância e tira partido dos eixos e memórias do entorno.

Praça da Sé
Em 1º de maio de 1968 operários tomam conta da Praça por direitos trabalhistas e jornadas mais humanas.



Perspectiva desde a Praça da Sé

Em um contexto marcado por memória e símbolos, o eixo pedonal que confronta a Catedral da Sé destaca-se, ganhando continuidade através do lote sob o Museu. Ao ter sua forma penetrada pelo caminho, gerando um vazio, o edifício eleva-se como em um pedestal, ganha força ao lado da Catedral e expande-se para a praça, tornando-se mais atraente e convidativo, complementado por uma bela linha de palmeiras e todo o paisagismo desta região.



Perspectiva desde o Acesso Principal

Desde o acesso, a proposta busca integrar-se ao seu contexto de forma potente. Ao elevar-se do solo, o térreo do edifício se torna uma continuidade do espaço público, livre, como uma rua ou praça aberta às diárias manifestações humanas do "viver democrático". Buscou-se nas construções próximas as inspirações para uma harmonia visual e respeito ao território. O volume em cobre patinado remete às telhas da Catedral (à esquerda), e avança em direção à calçada, tal qual uma varanda, em um gesto de convite e acolhimento aos milhares que por lá caminham.



Perspectiva desde o Pátio Interno

Um vazio que se faz rua rasga o quadra e amplia-se em um Pátio interno, como uma praça ou claróia, revestida de um ícone da circulação pública paulistana. Conecta-se ainda ao metrô da Sé, com escada e elevadores que transformam a viagem em visita. Junto ao acesso subterrâneo para o transporte público está a galeria de exposições temporárias, que deixa um pouco do museu a cada nova parada do trem. Destaque para a vista da Catedral da Sé do interior do Pátio.



Perspectiva Interna: Exposição Permanente

Concebida em 3 pavimentos, a área de exposição permanente possibilita diversas composições dinâmicas e estrutivas. Com piso unificado e ambiente iluminado, permite os mais diversos acervos, sejam físicos ou digitais. Mantém sua introspecção ao mesmo tempo em que se expõe ao visitante que pode percebê-la enquanto caminha pela rampa.



Perspectiva Interna: Pavimento Biblioteca

A Biblioteca se amplia em um pavimento fluido e convidativo, que além do acervo literário e digital, abriga ambientes de leitura, pesquisa e estudo, preservando a flexibilidade de possíveis intervenções em seu espaço amplo e adaptável. Destaque para a rampa principal que avança sobre o pé direito duplo do ambiente.

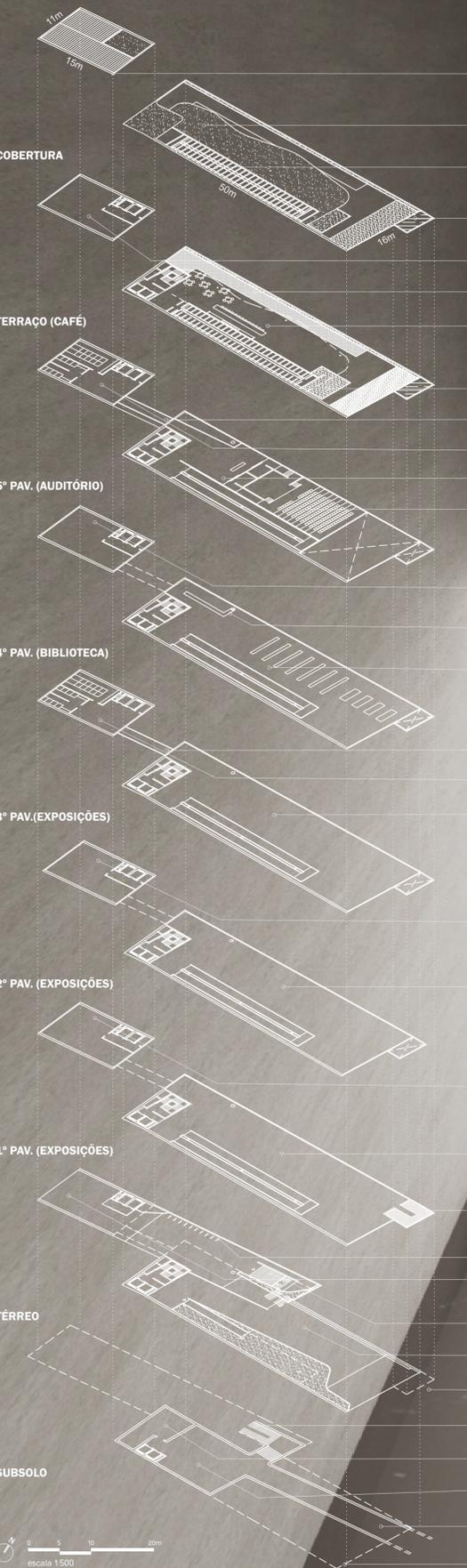


Perspectiva Interna: Rampa Principal

Internamente, o ato de explorar se dilui de forma lúdica e dinâmica durante o passeio pela Rampa Principal, que conecta generosamente o térreo ao terraço, tornando-se uma extensão da rua em toda sua importância democrática, articulando a memória do museu em seus pavimentos e maximizando a ocupação do terreno esguio.

Memorial dos Mortos e Desaparecidos

Contido no volume revestido em cobre, o memorial é apertado e alto, com um pé-direito de mais de 25 metros. A única fonte de iluminação natural é zenital, causando forte impacto de luz e sombra em certos horários do dia. A passarela sobre o espelho d'água convida o visitante à introspecção. Projeções com as memórias da ditadura não deixam a história dos mortos e desaparecidos se apagar.



Área Técnica
Telha metálica termoacústica

Laje orgânica
concreto impermeabilizado

Pérgolas de concreto

Cobertura
policarbonato translúcido

Administração do Museu
(127m²)

Espelho d'água

Cafeteria
(275m²)

Jardim

Passarela Metálica
aço carbono com pintura epóxi

Sanitários
(72m²)

Foyer
(127m²)

Auditério
150 pessoas

Centro de pesquisa e catalogação
(127m²)

Consultas e empréstimos/Livraria

Biblioteca e área de leitura
(500m²)

Passarela

Sanitários
(72m²)

Exposição Permanente 02
(570m²)

Acervo
(127m²)

Exposição Permanente 01
(570m²)

Acervo
(127m²)

Exposição
(570m²)

Acervo
(127m²)

Exposição
(570m²)

Memorial dos
Mortos e Desaparecidos

Bicicletário

Acesso:
rua Quintino Bocaiuva

Escada:
acesso ao subsolo

Átrio
(450m²)

Acesso Principal:
Praça da Sé

Escadaria:
acesso ao térreo

Depósito/Almoxarifado
(60m²)

Exposição Temporária
(300m²)

Conexão Estação da Sé

Projeção da edificação

